



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

A Construção de Identidades Surdas no Curso de Letras/Libras: Condições para a Metamorfose e para a Não-Metamorfose

The construction of Deaf identities in a Brazilian Letters/Sign Language Course: Conditions for Metamorphosis and Non-Metamorphosis

La Construcción de Identidades Sordas en el Curso de licencia de lengua de señas brasileña: Condiciones para la Metamorfosis y la No-Metamorfosis

Ivanilde Apoluceno de Oliveira
Hermínio Tavares Sousa dos Santos
Josué de Souza Negrão

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir as contribuições do Curso Letras/Libras na formação da Identidade Surda com enfoque nos processos de formação dessa Identidade como Não-Metamorfose. A metodologia utilizada foi desenvolvida sobre as bases epistemológicas do método Histórico-Dialético, por meio de pesquisa de campo, com abordagem qualitativa. Foram realizadas entrevistas abertas em Libras, gravadas em vídeo, com três sujeitos surdos alunos do Curso Letras/Libras. As análises dos dados coletados possibilitaram discussões sobre o surdo nos contextos familiar e escolar e sobre o acesso ao ensino superior em termos das influências dos pressupostos sociais na sua formação, bem como das condições para sua Metamorfose ou Não-Metamorfose.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais; Identidade Surda; Identidade-Metamorfose.

ABSTRACT

The present work aims to discuss the contributions of a Brazilian Letters/Sign Language Course in the formation of Deaf Identity with a focus on the processes of formation of this Identity as Non-Metamorphosis. The methodology used was developed on the epistemological bases of the Historical-Dialectic method, through field research, with a qualitative approach. Open interviews were carried out in Brazilian Sign Language, recorded on video, with three deaf

subjects who were students of the Letters/Sign Language Course. The analyzes carried out on the collected data enabled discussions about deaf people in family and school contexts and about access to Higher Education in terms of the influences of social assumptions on their formation, as well as the conditions for their Metamorphosis or Non-Metamorphosis.

Keywords: Brazilian Sign Language; Deaf Identity; Metamorphosis Identity.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo discutir los aportes de un Curso de Letras/Lengua de Señas en la formación de la Identidad Sorda con foco en los procesos de formación de esta Identidad como No Metamorfosis. La metodología utilizada se desarrolló sobre las bases epistemológicas del método Histórico-Dialéctico, a través de una investigación de campo, con un enfoque cualitativo. Se realizaron entrevistas abiertas en , grabadas en video, con tres sujetos sordos estudiantes del Curso de Letras/Lengua de Señas Brasileña. Los análisis realizados sobre los datos recolectados posibilitaron discusiones sobre las personas sordas en contextos familiares y escolares y sobre el acceso a la Educación Superior en términos de las influencias de los supuestos sociales en su formación, así como las condiciones para su Metamorfosis o No Metamorfosis.

Palabras-clave: Lenguaje de Señas Brasileño; Identidad Sorda; Metamorfosis Identidad.

Introdução

Numa aproximação inicial com a questão da identidade no contexto da surdez, valemo-nos dos estudos e das reflexões de Sá (2006) e, com ela, estabelecemos uma fundamentação bastante segura sobre o que nos sustenta nesse debate, como a necessidade de delinear a noção de sujeito e estabelecer a relação intrínseca entre identidade e diferença na análise da experiência da surdez.

Partimos, então, da noção de sujeito fundamentada numa concepção de identidade denominada como “pós-moderna”, descrita por Hall (2005), em que o sujeito é considerado como efeito da linguagem e com identidades móveis, plurais e em constante construção.

A análise da Diferença, como categoria central na discussão sobre identidades surdas, exige que a inscrevamos na mesma análise de discursos legitimadores da exclusão das pessoas com deficiência pela construção negativa da diferença como referencial identitário.

Se, portanto, compreendemos que a questão da diferença, no âmbito das discussões sobre os processos de construção de identidades no contexto da surdez, está relacionada ao processo de produção da surdez como negação do Ser e sua constituição como Outro Negado, vemo-nos obrigados a analisar

os principais lócus de encontro dos surdos com este Ser, seus Outros, agentes de negação.

Ainda assim, recorreremos às análises de Santos (2016) para analisar os processos de construção de identidades surdas nos contextos familiares e nos contextos escolares, considerando que são estes os primeiros e principais espaços de encontro dos surdos com seus outros, que podem vir a se constituir como agentes de transformação ou de produção da mesmidade.

Neste último caso, em particular, precisamos adentrar a discussão sobre as políticas públicas de educação destinadas aos surdos no âmbito do amplo debate sobre inclusão de pessoas com deficiência, em que nos deparamos com conceitos como Bilinguismo, Educação Bilíngue, dentre outros, de modo a problematizar as condições de transformação que estas políticas são capazes de oportunizar aos surdos.

Aqui encontramos uma reflexão que se torna também necessária nesse contexto que se localiza, especificamente, nas políticas de formação de professores para atender as prescrições da política de educação inclusiva, em especial, nos curso de formação de professores de Letras/Língua Brasileira de Sinais (Libras).

No caso do Estado do Pará, a mudança para essa nova política se dá a partir do ano de 2008 com a oferta deste curso em universidades públicas de forma regular (BENTES, 2012. p. 114). Esse contexto, em particular, tem uma característica bastante especial, a saber: o fato de se constituir, até pouco tempo, como única alternativa ou opção de acesso de pessoas surdas ao ensino superior através de instrumento de avaliação que respeita a modalidade de sua língua natural, ou seja, a Libras.

Isso colocou muitos surdos em cursos de formação de professores para o ensino de Libras, que, até então, poderiam não ter cogitado a possibilidade de se formarem docentes e atuarem profissionalmente como tal. Sendo assim, perguntamos: qual o impacto do fato de que apenas os cursos de Letras/Libras terem provas de vestibular adaptadas às necessidades dos surdos, nos processos de formação de suas identidades? Por que os surdos prestaram vestibular para este curso? Quais suas perspectivas após sua formação? Acreditamos que essas perguntas e suas respostas demandam uma análise do processo de construção das identidades desses surdos, o que nos colocou

diante da seguinte questão problema: quais as condições encontradas pelos surdos alunos do curso de Letras/Libras para a construção de suas identidades?

Diante deste problema o objetivo geral estabelecido foi o de discutir as contribuições do Curso Letras/Libras na formação da Identidade Surda com enfoque nos processos de formação dessa Identidade como Não-Metamorfose. Como objetivos específicos, foram delineados: (a) identificar os contextos familiar e educacional que resultaram no ingresso dos surdos no curso de Letras/Libras; (b) descrever as condições criadas, no contexto do curso, para a construção das identidades pelos surdos; e (c) analisar as identidades construídas a partir da participação dos surdos no curso de Letras/Libras.

O trabalho está referenciado teoricamente em dois conceitos descritos por Ciampa (2005), a saber: Identidade Pressuposta, entendida, em síntese, como a representação que fazemos de personagens que, pressupostos pelos outros sobre nós, desempenham papéis determinados socialmente; e Identidade Metamorfose, entendida como aquela a partir da qual negamos as pressuposições impostas sobre nós, socialmente, eliminando, assim, nossas identidades pressupostas, permitindo a expressão de um Outro eu que há em nós e favorecendo a alterização de nossas identidades. Igualmente, baseamos-nos em duas análises que envolvem estes conceitos, quais sejam, a construção das identidades surdas no contexto das relações familiares e das relações escolares, segundo Santos (2016).

A seguir, são apresentadas duas grandes seções que compõem o trabalho. A primeira delas é a Metodologia, na qual estão definidas as diretrizes sobre as quais o trabalho de levantamento e análise dos dados foram estruturados. A segunda delas contém os Resultados e Discussões da pesquisa. Esta última grande seção está subdividida em subseções que apresentam os detalhamentos das discussões possíveis, respeitando os dois conceitos centrais de Ciampa (2005). Inicialmente, estão analisadas as identidades pressupostas pela família e pela escola, contextos estes que pressupõem identidades sobre os surdos em torno de suas relações com a aquisição da linguagem e com o aprendizado da Libras. Em seguida, estão analisadas as identidades surdas como Metamorfose, estando destacados o papel determinante da Libras e da comunidade surda para tal superação. Por

fim, estão apresentadas análises acerca das condições para a Metamorfose e para a Não-Metamorfose, no contexto das políticas educacionais destinadas aos surdos, em particular, no contexto das possibilidades de acesso ao ensino superior. Encerrando o texto, estão tecidas algumas considerações finais que encaminham possibilidades para as análises apresentadas.

Metodologia

O presente trabalho de pesquisa está estruturado segundo as bases epistemológicas do método Histórico – Dialético e em termos de sua natureza, apresenta abordagem qualitativa, uma vez que considera os significados das relações, aponta as contradições, as imbricações, o subjetivo que se percebem nos processos sociais (MINAYO, 1994).

Diante de uma investigação debruçada sobre a realidade local do processo de construção das identidades surdas, no contexto das instituições regionais de ensino superior, a pesquisa também se caracteriza como um estudo de caso, realizado em campo. Assim, realizou-se um recorte temporal e teórico da Identidade Surda relacionada ao Curso Letras/Libras e suas contribuições na formação do surdo. O campo explorado nas investigações é formado tanto pela Comunidade Surda de Belém-PA, como lócus simbólico, quanto pelo Curso em evidência, como lócus físico, a saber o curso de Letras/Libras da Universidade Estadual do Pará – UEPA.

Quanto à estrutura de apresentação das informações, a pesquisa é do tipo descritiva, pois pontua aspectos processuais referentes à Identidade Surda descrevendo-os com o objetivo de mostrar como estes se dão na sua formação.

Os sujeitos investigados foram três alunos surdos do referido curso, sendo dois do sexo masculino e uma do sexo feminino. Os sujeitos foram identificados com nomes fictícios, escolhidos aleatoriamente, iniciados com a letra 'S' para representar sua condição de surdez. Assim, o primeiro sujeito foi identificado pelo nome de Sílvia, o segundo pelo nome de Sávio, e o terceiro pelo nome de Salim.

Como encaminhamentos éticos, cabe elucidar que tais sujeitos foram esclarecidos individualmente por meio de uma apresentação da proposição da pesquisa, em encontro conduzido Libras pelos próprios pesquisadores, quando

os primeiros tiveram oportunidade para solucionar dúvidas sobre o trabalho e sua condição de participação. Em seguida, uma versão do termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE, em Libras, foi disponibilizado para os sujeitos que o solicitaram, para que, finalmente, todos pudessem assinar os respectivos termos.

Como instrumento de coleta de dados, foi realizada entrevista aberta com os alunos surdos, em Libras, e seus depoimentos foram filmados em estúdio do Instituto Federal do Pará – IFPA, em seu Campus Belém. As gravações foram, posteriormente, submetidas à apreciação de uma profissional intérprete para tradução dos dados para a Língua Portuguesa.

Os dados obtidos a partir dessa tradução foram primeiramente organizados em quadros matriciais por sujeito. Depois, foram organizados em categorias de análise formadas a partir dos conceitos de identidade de Ciampa (2005), lembrando: Identidade Pressuposta e Identidade como Metamorfose.

Dessas categorias anteriores (Identidade Pressuposta e Identidade como Metamorfose), que nos ajudaram a situar os sujeitos entrevistados a partir das descrições dos processos formativos, descritos por Ciampa (2005) para as identidades e Santos (2016) para as identidades surdas, resultam duas outras categorias de análise as quais nos propomos a analisar: Condições encontradas pelos surdos: para a Metamorfose e para a Não-Metamorfose.

As identidades refletem as relações sociais a que estamos sujeitos em suas múltiplas direções, bem como a forma como reagimos a elas, ou seja, como forma de conservação ou como forma de transformação.

Essa conservação parte da compreensão de que há, sempre, Identidades Pressupostas a partir das quais representamos personagens que desempenham determinados papéis. Necessitamos entender, contudo, que a mera representação não institui essa identidade pressuposta no sujeito, mas é o convívio e seu envolvimento no contexto que favorecerão atitudes e comportamentos que reforcem as características próprias dessa identidade. O sujeito assume a personagem e passa a vivenciar aquele papel.

Em síntese, representamo-nos desempenhando papéis decorrentes das posições que assumimos no conjunto de nossas relações sociais e na estrutura social e do momento histórico a que estamos sujeitos. Nesse processo, ocultamos partes de nós que não fazem parte de nossa identidade pressuposta

que tem sido reposta por nós mesmos no conjunto das determinações que nos compelem a tal.

Sempre que, pela negação da negação, nos permitimos a expressão desse outro que há em nós e que também somos nós, nas reposições de nossas representações, ocultamos ou eliminamos nossa identidade pressuposta favorecendo a alterização de nossa Identidade e assumindo um caráter de permanente Metamorfose.

Resultados e Discussão¹

Nesta seção, optamos por dividir os resultados a partir da categoria “Identidade Surda” e suas formas de pressuposição desveladas no âmbito das relações familiares e escolares. A partir das análises suscitadas, as discussões foram, de igual maneira, divididas em outras duas subseções que se ocupam, respectivamente, das condições vivenciadas pelos surdos para a Metamorfose e para a Não-Metamorfose.

Identidade Surda Pressuposta pela Família

Pode-se inferir, das falas, que as famílias desses surdos construíram pressupostos de que eles teriam de aprender a oralizar, pois, assim, teriam melhor desenvolvimento. Isso leva a crer na ideia de que oralizar seja característica de pessoas desenvolvidas. Esses pressupostos são tão marcantes a ponto de a família criticar o surdo por não mais oralizar, de o surdo sentir a necessidade de falar como seus familiares ouvintes e de a família levar o surdo para uma escola que o ensine a oralizar.

A fala de Sílvia inicia com o pressuposto, bastante recorrente, de familiares ouvintes ao tomarem conhecimento sobre a surdez de um(a) filho(a), isto é, a ideia de que a comunicação com o(a) filho(a) surdo(a) será difícil, conforme expressado:

[...] minha mãe ficou angustiada e ficou pensando como seria a comunicação com sua filha e como isso seria difícil e ficava pensando como seria minha comunicação ao telefone e

¹ À título de distinção entre as citações diretas e os excertos das entrevistas, estes últimos estão formatados também com recuo de 4cm, porém com fonte tamanho 11 e destacados em itálico, precedidos ou seguidos dos nomes fictícios de suas respectivas personagens.

noutras situações e ficou bastante angustiada em pensar que haveria entre nós dificuldade na comunicação [...].

Ela afirma que sua família “não gostava da Identidade Surda”, o que remete à consideração da surdez como incômodo, algo que não está correto ou não corresponde à normalidade. Esses sentimentos, essas percepções e/ou crenças constroem o pressuposto de que ser surdo diverge negativamente do ser ouvinte. Nas palavras de Skliar (2009, p.11), os surdos parecem estar vivendo na terra do exílio, ressaltando que é assim que se pode descrever “o ambiente onde vive a maioria dos surdos que são filhos de ouvintes”.

Identidade Surda Pressuposta pela Escola

A escola parece não oportunizar ao surdo o desenvolvimento de sua identidade. Isso fica claro quando o surdo denuncia: “os professores oralizavam, eu ficava olhando e me pediam para oralizar. Era muito difícil!” (Sílvia). Novamente, pode-se observar que os pressupostos de que o surdo necessita de oralização também é mantida na escola.

Outra denúncia é sobre a didática desenvolvida por professores pela qual se explicita o pressuposto de que o surdo é como um ouvinte que não oraliza: “todos os professores ouvintes pensam que a leitura é normal para os surdos, é fácil, que é fácil para os surdos fazerem provas escritas em Língua Portuguesa, dentre outras coisas” (Sávio). Há outro depoimento sobre esse aspecto:

[...] alguns ainda usam a expressão “mudo”, isso me ressentia, incomoda-me. Como eu sofri! Sozinha, com depressão [...] o professor me chamava de muda. Que estranho! Isso me angustiava, então falei com minha mãe: “que estranho! O professor parece me oprimir, discriminar” (Sílvia).

A prática de se comparar ou de se pretender igualar o surdo ao ouvinte advém de pressupostos construídos por professores por desconhecimento, talvez, sobre os processos de aprendizagem dos surdos. Salim afirma:

[...] parece que os professores acham que o surdo consegue, que é igual aos outros alunos [...] na prova de redação meu principal sofrimento era com a redação, eu trocava as palavras, e na correção o professor avaliava “tudo errado”. Acham que somos iguais aos ouvintes e que apenas perdemos a audição.

Ciampa (2005) afirma que a identidade pressuposta tem a característica de ser reposta continuamente, como identidade dada, fixa, e não como se dando.

Identidade Surda como Metamorfose

A Identidade Surda como Metamorfose estabelece-se quando o sujeito tem consciência das possibilidades de transformação e investe no sentido de buscar condições objetivas para alcançar a Metamorfose que almeja.

Sílvia expressa que ficou muito admirada com a Libras, como se encontrasse o seu universo: “fiquei muito admirada com a Libras, como era diferente! É como se eu já amasse Libras, eu gostei mesmo e já não precisava mais da oralização”. Segundo Ciampa (2005. p. 205), “o desenvolvimento da identidade de alguém é determinado pelas condições históricas, sociais, materiais dadas, aí incluídas condições do próprio indivíduo”.

Ainda na fala de Sílvia, há evidência de como o apoio da família é fundamental para o desenvolvimento do surdo. Ainda que o surdo se sinta vivendo na terra do exílio (Skliar, 2009) por se sentir ou ser deslocado no convívio, valoriza o apoio de pessoas da família que pretendam auxiliá-lo em seu desenvolvimento. No caso de Sílvia, sua mãe se destaca nesse processo:

[...] a única era minha mãe que gostava, estimulava, lutava por mim e me acompanhava nos lugares, ao médico, na escola, na minha dificuldade de comunicação, dentre outras coisas, ela estava sempre comigo, até começar a sentir orgulho de ter filha surda.

O depoimento desta personagem esclarece que é na prática social que a Metamorfose ocorre. Muitas foram as atividades desenvolvidas no convívio com a mãe “até ela começar a sentir orgulho de ter filha surda” (Sílvia). E, se a prática social é o critério de verdade no contexto dialético, a Identidade Surda como Metamorfose alinha-se a essa estrutura de pensamento.

Condições para a Metamorfose

A Metamorfose depende das condições objetivas que o indivíduo percebe para acessar o que pretende no complexo social. Essas condições estão relacionadas a diversos aspectos como estudos, desenvolvimento de habilidades, trabalho, relações familiares, dentre outros. A condição primeira para todos os

indivíduos é o desenvolvimento da comunicação. No entanto, para o surdo, essa condição perpassa dificuldades construídas por meio dos pressupostos de que ele não fala e que, portanto, deve ter problemas na comunicação.

Por isso, alcançar condições de comunicação é evidente conquista para o surdo. Isso é perceptível na fala de Sílvia: [...] “comecei a me relacionar com os alunos. Eles diziam que queriam aprender Libras para se comunicar comigo, eu então ensinava a eles, estimulava e eles aprenderam bem [...]”.

Nessas relações que se dão na Prática Social, torna-se evidente que a Metamorfose continua sempre que as condições que respaldaram as transformações anteriores se mantenham e, concomitantemente, outras sejam conquistadas:

[...] até encontrar outra escola, pública também, onde havia dois outros alunos surdos. Nossa! Fiquei admirada e aliviada ao mesmo tempo e quis ir para aquela escola [...] tinha intérprete, que alívio! Eu pude prestar mais atenção e aprender mais até acabar. Fiquei muito agradecida (Sílvia).

[...] como aquilo me estimulava! melhorava minha autoestima! Como eu me relacionava! Era muito diferente, a escola de surdos era muito diferente! Todos pareciam ter Identidade Surda. Eu me sentia muito bem, era estimulante demais o relacionamento [...]. (Sílvia).

Sávio expressa também essa satisfação diante de atitudes positivas demonstradas por pessoas nas relações sociais:

[...] tem alguns (expressão enfática) que sabem Libras, mas isso é porque os alunos surdos ensinaram e o professor aceitou. Desses professores eu gostava, porque eles ensinam, passam atividades mais preocupados comigo.

Esse depoimento de Sávio está contextualizado numa escola inclusiva e, apesar das dificuldades com os demais professores, o surdo deixa claro que “desses”, ou seja, dos que “passam atividades mais preocupados”, ele gostava. Infere-se, assim, que há Metamorfose mesmo em ambientes pouco favoráveis e com condições que, podemos considerar, mínimas de desenvolvimento.

Condições para a Não-Metamorfose

Ciampa (2005. p. 153) trata o fenômeno da Não-Metamorfose explicando que “ou não existe naturalmente a Não-Metamorfose [...], ou nem tudo que existe é naturalmente Metamorfose”. Assim, a Identidade pode assumir a forma de Não-

Metamorfose, mas, para que isso ocorra, é necessário que, além da falta de condições objetivas para a Metamorfose, ocorra o fenômeno que o teórico chama de *re-posição* da Identidade que, segundo ele, é o que sustenta a *mesmice*. Isso ocorre porque “enquanto atores, estamos sempre em busca de nossas personagens; quando novas não são possíveis, repetimos as mesmas” (CIAMPA, 2005. p. 171).

Sílvia denuncia que, na condição de aluna, não entendia o conteúdo das aulas por conta da didática utilizada :

[...] eu respondi que não entendia nada, pois o professor dava aula oralizando e como eu poderia entender nas vezes em que não podia nem ver e fazer leitura labial por que ele estava de costas e explicando?.

E, na escola inclusiva, o fato de não se estar conseguindo comunicar gerou sentimento de mal-estar e angústia:

[...] quando eu frequentava a escola inclusiva eu não me sentia bem, ficava triste, angustiava-me. No relacionamento com os ouvintes eu não conseguia me comunicar com eles (expressão de desgosto).

Esse sentimento também é compartilhado por Sávio:

[...] com o tempo eu mudei para outra escola, inclusiva, e lá tinha muita dificuldade na participação, eu ficava olhando, o professor oralizava comigo, eu olhava e achava estranho.

A comunicação é condição para que o surdo se metamorfoseie em aluno, pois, para admitir esta Identidade – de aluno – seriam necessárias certas condições como comunicação, interação com outros alunos e professores, além de, necessariamente, haver aprendizagem. Na ausência dessas condições, só é possível falar do “surdo em sala de aula” e não do “aluno-surdo”.

As dificuldades na escola inclusiva continuam sendo denunciadas por Salim: “o 3º ano foi um período difícil, tinha intérprete, mas era um estagiário, só um. Como estagiário, ele estava lá para observar, mas se sensibilizou e aceitou interpretar”.

Ao manifestar Consciência sobre a falta de comunicação no ambiente escolar, o surdo angustia-se por perceber tal falta como impedimento à Metamorfose a que pretende. Da mesma forma, comemora quando percebe condições de Metamorfose, ainda que estas venham de atitudes isoladas, pessoais, e não das Políticas Inclusivas.

Essa fala de Salim denota que sua Metamorfose estava comprometida, mas que, como aluno, ainda houve Metamorfose. Por outro lado, há processos que impedem a transformação das identidades e se manifestam, certas vezes, como forma de re-posição das identidades vivenciadas até então, conforme se pode perceber na declaração que Sílvia faz sobre sua real pretensão de curso:

[...] meu sonho não era o curso de Letas/ Libras, ser professora, meu sonho é ser palhaça, teatro. Eu amo muito isso. Desde criança, quando eu estudava e fazia teatro e dança, e até hoje, eu amo demais também ler livros de poesia, eu amo mesmo, mas [...].

Ciampa (2005. p. 171) fala sobre indivíduos que são levados à re-posição de sua Identidade de forma involuntária, “quando seu desenvolvimento é de alguma forma prejudicado, barrado, impedido”, por falta de condições objetivas de se metamorfosear:

[...] talvez milhões de pessoas, são impedidas de se transformar, são forçadas a se reproduzir como réplicas de si, involuntariamente, a fim de preservar interesses estabelecidos, situações convenientes, interesses e conveniências que são, se radicalmente analisadas, interesses e conveniências do capital (e não do ser humano que assim permanece um ator preso à mesmice imposta).

A mesmice imposta ao surdo parece vir sempre sob a forma de impedimentos na comunicação ou sob forma de exigência de se adequar ao universo do ouvinte. E as Políticas Inclusivas enquadram-se nesses padrões de re-posição:

[...] fiz a prova, mas não passei, achei estranho e pensei: por quê? Não sabia porque... então depois fui pesquisar e descobri que precisava, obrigatoriamente, escrever uma redação em Língua Portuguesa, mas estranhei. Minha língua principal era a Libras e eu seria obrigada a escrever uma redação em português, eu não conseguia (Sílvia).

A Não-Metamorfose, segundo o autor, resulta do trabalho da re-posição das personagens de alguma identidade que não são admitidas socialmente. No caso da Identidade Surda, no contexto de acesso ao Ensino Superior, a ausência de condições para a Metamorfose leva à re-posição do surdo como *aquele-que-não-é-capaz*: “fiz a prova, mas esbarrei na redação novamente. Se era obrigatória a redação em Língua Portuguesa, como eu passaria?” (Sílvia).

Ela, então, continua sua denúncia:

[...] a prova em português é muito difícil, as palavras são muito difíceis, eu não entendia direito. Eu lia e tentava várias vezes porque eu escrevia na estrutura da Libras e não, isso não era aceito, precisava escrever muito bem a Língua Portuguesa e a minha escrita era ruim. Mas eu não reclamava e fazia as provas porque eram obrigatórias.

Depois de várias tentativas sem que lhe fossem dadas as condições de acesso, a Não-Metamorfose se concretiza: “Ah! Então desisti de fazer vestibular, desisti, abandonei, vou ficar dentro de casa” (Sílvia).

Ciampa (2005) afirma que “a questão da identidade posta como Metamorfose se inverte no contrário: a Não-Metamorfose” (p. 153). Assim, a aluna do Curso Letras/Libras não está sendo palhaça, porque não está cursando teatro. Não pretendia cursar Letras/Libras, mas está sendo aluna-surda desse Curso. Sua pretensão em se metamorfosear não encontra, por ora, condições objetivas de fazê-lo, mas sua pretensão continua: “mas no futuro vou escolher o teatro, eu espero, no futuro” (Sílvia).

Sávio fala também sobre suas pretensões desalinhadas ao Curso Letras/Libras:

[...] o curso que eu gosto de verdade, é difícil escolher, então, desde que eu era criança, eu gostava de desenhar, eu ficava desenhando... Eu tinha um amigo surdo., Meu pai aconselhavam-me a estudar design ou artes visuais e sempre foi difícil para mim [...] eu penso em vários cursos, por exemplo, Letras/Libras, Ciências Contábeis, Medicina...ah! tem vários... é difícil escolher, eu não sei!

Adiante, fala sobre o que, de fato, quer cursar e explica sua motivação para cursar letras/Libras:

[...] então, Ciências Contábeis é bom para mim, porque eu gosto de cálculo, desse tipo de trabalho. Eu gosto. Mas fiquei pensando: se eu continuar e me formar em Letras/Libras eu cursaria Ciências Contábeis depois, se eu tiver vontade?”. Acho que sim. Isso é porque eu quero também combinar com meu amigo surdo para nós dois estudarmos juntos Ciências Contábeis (Sávio).

Sílvia depõe sobre o Curso Letras/Libras e a procura dos surdos por ele:

[...] é melhor procurar outros cursos, como os de Medicina, Filosofia, Geografia, enfim, diferentes cursos [...] no Brasil inteiro, todos se admiram, olham para o curso Letras/Libras e têm orgulho. Parece que o Curso já está cheio. Precisamos dessa diversidade de cursos, diferentes identidades dos surdos (Sílvia).

A Consciência que o surdo tem sobre si já é condição primeira para que a Metamorfose ocorra, mas não é única. É necessário que ele alcance condições

objetivas. Porém há de muitas formas, muitos impedimentos ao acesso do surdo a essas condições favoráveis ao seu desenvolvimento. E quando as Políticas Inclusivas que pretendem, segundo indica sua nomenclatura, incluir, atuam como força impeditiva ao desenvolvimento da Identidade Surda, se pode inferir que suas implementações ainda figuram como inadequadas.

A sutileza do convencimento de que cursar Letras/Libras oportuniza ao surdo o acesso ao Ensino Superior nega que ele tenha direito à escolha do que pretende cursar, alinhada a sua vontade de desempenhar determinadas atividades no complexo social. Não é porque há oferta de um curso para os surdos que, necessariamente, ocorra a inclusão dos surdos no Ensino Superior. Pelo contrário, tal oferta pode figurar como negação de sua identidade propiciando a Não-Metamorfose.

Há de se problematizar ou, no mínimo, desconfiar, quando é facilitado o acesso apenas a um curso aos surdos. Sílvia não queria cursar Letras/Libras, mas não havia encontrado condições para acessar o curso que pretendia, apesar de ter tentado várias vezes. Mas o curso Letras/Libras tem recursos disponíveis para o surdo.

[...] quando eu cheguei e vi a prova em vídeo fiquei admirada, era muito diferente! Eu olhava e entendia tudo e conseguia relacionar ao conteúdo do 3º ano e, assim, fui respondendo [...] a redação eu consegui fazer porque eu tinha liberdade para escrever (Sílvia).

A admiração da surda diante do encontro das condições favoráveis oferecidas no Curso de Letras/Libras denota a insatisfação que teve quanto às tentativas frustradas anteriores. Apesar disso, não se pode deixar de problematizar os porquês de apenas esse curso ter essas condições de acesso disponíveis para o surdo.

Considerações finais

Sendo assim, se retomarmos a questão central da pesquisa, refletida no problema indicado anteriormente, acerca das condições encontradas pelos surdos no Curso de Letras/Libras para a construção de suas identidades, vamos perceber, enfaticamente, que, para além dos avanços contidos nesta iniciativa de oferta do Curso, em cumprimento do disposto na Lei Nº 10.436/02 e no Decreto Nº 5.626/05, acerca da formação de professores para o ensino de Libras, a forma como a política de inclusão educacional está sendo implantada para os surdos, no contexto regional

investigado, está fazendo com que tal oportunidade se reverta em condições de Não-Metamorfose para a construção de Identidades Surdas pelos alunos do Curso.

Há que se problematizar a base da educação ofertada aos surdos no âmbito das políticas educacionais regionais, locais e institucionais, seja em escolas especializadas, seja em escolas regulares, que, estando ainda bastante aquém da real necessidade dos surdos – sem necessariamente entrar no mérito da questão da língua de instrução etc. –, os coloca, ao final do ensino médio, sob a mesma pressão de continuar avançando os degraus dos próximos níveis educacionais .

É neste ponto que se nos revela o surgimento de condições muito específicas de construção de Identidades pelos surdos, ou seja, diante da pressão de avançar nos estudos, desta vez ao ensino superior, e diante de diversos fracassos em provas realizadas em Língua Portuguesa, ocorre o abandono da possibilidade de Metamorfose e a possibilidade da mesmice (ou mesmidade) no Curso de Letras/Libras, isto é, esta licenciatura acaba sendo posta como referência de ingresso para o surdo neste nível de ensino.

Apesar de, nesse ambiente, os alunos surdos se depararem com elementos fundamentais para a construção de condições favoráveis à Metamorfose de suas Identidades, como o Uso da Libras, a Experiência Visual e o Encontro com seus Outros (surdos e ouvintes), conforme nos indica Santos (2016), ele não está onde quer, ele está onde alguém (família e escola) disse que ele poderia e deveria estar. Em outras palavras, o que poderia significar condições de Metamorfose se inverte em condições para a Não-Metamorfose, para a mesmice de ser surdo-professor-de-Libras, como se este papel fosse o único a sua disposição no universo profissional.

Enfim, a política atual de inclusão destinada aos surdos, que institui uma versão da prova do Enem em vídeo, representa um avanço significativo nas lutas dos movimentos sociais dos surdos, além de representar movimento significativo de possibilidades de construção de Identidades pessoais e coletivas, dentre estas últimas, as profissionais, por parte dos surdos, na Metamorfose, de modo que favorecem a busca de condições favoráveis e adequadas à transformação. Contudo, essa política não pode ser interpretada como a única possibilidade de viabilizar a Metamorfose, o que nos revela a necessidade de estudo contínuo e mais amplo acerca da construção tanto da Identidade Docente pelos surdos, no contexto do curso de Letras/Libras, quanto da Identidade Profissional do surdo para além do campo da formação de professores.

Referências

BENTES, José Anchieta de O.; HAYASHI, Maria Cristina P. I. *Normalidade e Disnormalidade: formas do trabalho docente na Educação de Surdos*. Campina Grande: EDUEPB, 2012. 254 p.

CIAMPA, Antônio da C. *A Estória do Severino e a História da Severina: Um Ensaio da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 2005. 256 p.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 64 p.

MINAYO, Maria Cecília de S. et al. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SÁ, Nídia Regina L. de. *Cultura, Poder e Educação de Surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006. 365 p.

SANTOS, Hermínio Tavares S. dos. *Identidade como Metamorfose na Educação de Surdos*. Curitiba: Editora Prismas, 2016. 270 p.

SKLIAR, C. A localização política da educação bilíngue para surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos: interfaces entre pedagogia e linguística*. Porto Alegre: Mediação, 2009. pp. 7-14.

Recebido em: 14/04/2022.

Aceito em: 25/01/2024.

Ivanilde Apoluceno de Oliveira

Pós-doutora em educação na PUC-RJ. Doutora em Educação pela PUC-SP. Doutorado sanduiche na UNAM e UAM-Iztapalapa no México, com estudos sobre ética com o filósofo Enrique Dussel. Mestre em Educação Popular pela UFPB. Graduada em Filosofia pela UFPA. Docente do PPGED e Professora Titular da Universidade do Estado do Pará. Atua na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, Educação Popular e Educação Inclusiva, e ações educacionais com infância, crianças e com jovens e adultos.

 nildeapoluceno@uol.com.br

 <http://lattes.cnpq.br/6486192420682817>

 <https://orcid.org/0000-0002-3458-584X>

Hermínio Tavares Sousa dos Santos

Doutor em Educação pela UEPA. Mestre em Educação pela UEPA. Bacharel em Letras/LIBRAS pela UFSC/UEPA e Pedagogo com habilitação em Educação Especial pela UEPA. Professor de LIBRAS do Instituto Federal do Pará – Belém. Atua na área de Educação com ênfase em Educação Especial e Inclusiva, Educação de Surdos, Ensino de LIBRAS e Tradução e Interpretação em LIBRAS – Língua Portuguesa – LIBRAS.

 herminio.tavares@ifpa.edu.br

 <http://lattes.cnpq.br/3015712350720899>

 <http://orcid.org/0000-0002-2841-9044>

Josué de Souza Negrão

Graduado em Pedagogia pelo Instituto Federal do Pará.

 interestilo9106@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/2726659318124639>

 <http://orcid.org/0000-0002-5512-0769>